

A CATEGORIZAÇÃO DOS NOMES QUE DESIGNAM ANIMAIS NA FALA INFANTIL: UM ESTUDO DE CASO

LUCAS MARIO DACUÑA BADARACCO¹; MIRIAN ROSE BRUM-DE-PAULA²

¹ Universidade Federal de Pelotas – lucasbadaracco@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – brumdepaula@yahoo.fr (orientadora)

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, investigam-se os modos como ocorre a categorização dos nomes que designam animais na fala infantil: *tigre, boi, urso, macaco, tartaruga, porco* etc. Atenta-se, especificamente, para a emergência das categorias de nível básico e dos efeitos prototípicos durante as primeiras etapas da aquisição da linguagem pela criança. O *corpus* é composto por produções de fala de um sujeito do sexo masculino em situações naturais de comunicação com um adulto cuidador. As amostras, de caráter longitudinal, são referentes a sete coletas de áudio realizadas pelo adulto cuidador à criança entre os 22 e os 36 meses. Todos os dados fazem parte do banco Linguagem Infantil em Desenvolvimento (LIDES). O objetivo é analisar as ocorrências dos nomes que se referem a animais e discuti-los a partir da proposta de categorização de Eleanor Rosch, a *teoria de protótipos e de categorias de nível básico*. Portanto, adota-se uma perspectiva teórica com base na Linguística Cognitiva (LC), na qual se defendem a não modularidade da linguagem, a interdependência entre significado e contexto, a categorização conforme graus de saliência dos membros categoriais, a capacidade de a criança apreender padrões linguísticos com base no *input*.

Na literatura da LC, recorre-se, especialmente, aos trabalhos de ROSCH (1975; 1978), de ROSCH et al. (1976), de LAKOFF (1987), de ROGERS; McCLELLAND (2004) e de FERRARI (2011). Em todos, concebe-se o chamado *nível básico* (também conhecido por *nível de entrada* e por *nível intermediário*) como aquele localizado entre um nível de caráter mais abrangente (*superordenado*) e outro mais específico (*subordinado*). Esses conceitos referem-se aos distintos níveis de especificidade que podem ser utilizados no momento em que se categoriza qualquer objeto por meio da linguagem. Ao ver uma imagem em um catálogo de moda, por exemplo, é possível referir-se a uma determinada peça como *roupa, calça* ou *calça jeans*. O primeiro termo, *roupa*, diz respeito a uma categoria superordenada, na qual se maximiza a distintividade entre os elementos, porém na qual se tem poucas informações a respeito do objeto. O terceiro termo, *calça jeans*, por sua vez, considera-se uma categoria subordinada, na qual se maximiza a informatividade entre exemplares, mas na qual há poucas distinções entre objetos. Por fim, o segundo termo, *calça*, é uma categoria de nível básico, que se situa entre os dois níveis de especificidade supracitados. Nela, maximizam-se tanto a distintividade quanto a informatividade, o que a torna econômica cognitivamente para categorizar objetos, conceitos, elementos da natureza (ROGERS; McCLELLAND, 2004).

Segundo ROSCH et al. (1976) e LAKOFF (1987), o nível básico tem as seguintes características: (i) é o nível mais elevado em que os membros categoriais têm formato percebido similar; (ii) é o nível mais elevado em que uma única imagem

mental pode representar a categoria inteira; (iii) é o nível mais elevado em que os indivíduos usam movimentos similares na interação com os membros categoriais; (iv) é o nível em que sujeitos identificam mais rapidamente os objetos; (v) é o primeiro nível de entrada para o léxico de uma língua; (vi) é o nível que tem lexemas primários mais curtos; (vii) é o nível em que os termos são usados em contextos neutros; (viii) é o primeiro nível entendido e adquirido pelas crianças; (ix) é o nível em que a maior parte do conhecimento humano é organizado.

Relacionado à noção dos níveis de especificidade, o conceito de *protótipos* também é alvo de interesse. Conforme a literatura acima destacada, as categorias constituir-se-iam de *melhores* e *piores* exemplares. Assim, ao pensar na categoria *veículo*, sujeitos nativos de diversas línguas podem concordar que um carro é bastante mais representativo (melhor exemplar categorial) que um elevador (pior exemplar categorial). Na medida em que a prototipicidade, de acordo com LAKOFF (1987), tem um componente cultural e relaciona-se com os níveis de especificidade, como ela afetaria a emergência do nível básico na fala infantil? O *input* adulto condicionaria ocorrências das categorias de nível básico que designam animais nos dados da criança? Como explicar produções relativas aos níveis superordenado e subordinado, se a literatura constata uma ampla preferência pelo uso do nível básico?

2. METODOLOGIA

Buscando responder a tais questionamentos, analisaram-se as produções orais longitudinais de um sujeito (doravante, SM) do sexo masculino em processo de aquisição da linguagem entre 1:10 (22 meses) e 3:00 (36 meses). Nesses dados, referentes a sete coletas de áudio que integram o banco LIDES, SM interage com o adulto responsável por cuidá-lo em diversas situações de fala espontânea: jogos, brincadeiras, diálogos. Uma das categorias mais recorrentes nas gravações é a de animais, a qual aparece em grande número no formato de estímulos visuais e auditivos, fazendo-se presente em imagens, bonecos e canções.

Em primeiro lugar, compilaram-se todas as ocorrências de categorias de níveis básico, superordenado e subordinado que designam animais, tanto na fala infantil quanto na adulta. Em seguida, procedeu-se à organização dos dados, divididos por indivíduo e coleta, a fim de poder estabelecer relações entre o *input* adulto e as primeiras produções de SM. Na próxima etapa, partiu-se para uma análise qualitativa dos dados de SM, à luz da teoria de protótipos e de categorias de nível básico. Deu-se especial atenção aos casos em que a criança lançou mão de categorias que não se consideram básicas, a fim de verificar o papel que a prototipicidade exerce nesses contextos. Seguiu-se, assim, um procedimento de investigação baseado em ROGERS; McCLELLAND (2004). Os pressupostos em relação à aquisição da linguagem, por seu turno, remetem aos de Tomasello (2003).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados que se encontraram nos dados de SM corroboram aqueles apontados nas investigações de ROSCH (1975; 1978), ROSCH et al. (1976),

LAKOFF (1987) e ROGERS; McCLELLAND (2004). Verificou-se, neste estudo, a primazia do nível básico sobre os outros níveis de especificidade no que concerne às categorias que designam animais. Ao longo das sete coletas, SM produziu 72 palavras distintas para expressar animais de diversos tipos. Desse total, 93% (67 ocorrências) referem-se ao nível básico de categorização, como nos casos de *cavalo*, *ovelha*, *cachorro*, *gato*, *galo*. Por outro lado, apenas 4% (três ocorrências) são categorias de nível subordinado e 3% (duas ocorrências) de nível superordenado, como é possível observar na Tabela 1, a seguir.

Tabela 1 – Total de tipos categoriais empregados por SM entre os 22 e os 36 meses

NÍVEL – COLETA	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	6 ^a	7 ^a
SUPERORDENADO	0	0	0	1	0	0	1
BÁSICO	1	1	10	5	5	19	26
SUBORDINADO	0	0	1	0	0	0	2

As categorias básicas predominaram na fala de SM, assim como na do adulto cuidador. Não obstante, houve ocorrências dos níveis superordenado e subordinado em contextos em que o básico era possível. Em relação ao primeiro, o nível mais abrangente de todos, é possível pensar que foi acionado devido a uma situação comunicacional na qual se requeresse mais distinção entre os exemplares. Por outro lado, para entender a incidência do segundo, o nível mais específico dos três, lança-se mão da prototipicidade. Nos dados de SM, cada animal designado pelo nível subordinado pode-se tratar como pouco representativo de sua respectiva categoria. *Panda*, uma das ocorrências, por exemplo, é um tipo de urso bastante diferente de outros (como o *urso pardo* ou o *urso-do-sol*). Assim, a preferência pelo nível básico está, de alguma maneira, sujeita ao status do exemplar dentro da categoria, como expõem Rogers e McClelland (2004). À diferença dos resultados apontados por esses autores, os quais se restringem a discutir dados de falantes adultos, no presente estudo, revela-se o mesmo padrão na fala infantil. O *input*, pois, adquire grande relevância: é por meio dele que emergem as categorias que se tornam básicas para a criança. A discussão dos dados, por esse motivo, deve ser feita, a todo instante, aludindo ao contexto de interação entre SM e adulto. Como explica ROSCH (1978, p.44), “em verdade, níveis básicos e protótipos são, de certo modo, teorias sobre o próprio contexto.”. A próxima etapa deste trabalho será, nesse sentido, ampliar o *corpus* de fala infantil, a fim de analisar se outros sujeitos em contextos diferentes de uso da língua demonstram as mesmas preferências quanto à utilização do nível básico.

4. CONCLUSÕES

As implicações que as pesquisas envolvendo a teoria de protótipos e de categorias de nível básico podem trazer para a área da aquisição da linguagem são importantes. Uma das que mais se destacam é rediscutir, a partir de investigações que partem de dados de língua em uso, o papel do *input* na emergência do léxico infantil. A partir deste estudo, sugere-se que, ao adquirir palavras que designam animais durante os primeiros estágios da fala, a criança segue os padrões encontrados na linguagem do adulto com que interage. É pertinente, portanto, afirmar que os símbolos linguísticos são artefatos simbólicos importantes para

crianças “[...] porque neles estão incorporados os meios pelos quais as gerações anteriores de seres humanos de um grupo social consideraram proveitoso categorizar e interpretar o mundo para fins de comunicação interpessoal.” (TOMASELLO, 2003, p.11). Desse modo, entendem-se a linguagem humana e a categorização como capacidades cognitivas inter-relacionadas da espécie; uma relação que se manifesta desde as primeiras etapas da aquisição da linguagem nas palavras que compõem o léxico da criança.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

ROGERS, T.; McCLELLAND, J. **Semantic cognition**: a parallel distributed processing approach. Londres: The MIT Press, 2004.

ROSCH, E. Cognitive representations of semantic categories. In: **Journal of Experimental Psychology**: General. v. 104, nº 3. 1975. p.192-233

_____.; MERVIS, C.; GRAY, W. D.; JOHNSON, D. M.; BOYES-BRAEM, P. Basic Objects in Natural Categories. **Cognitive Psychology**. v.08. 1976. p.382-439.

_____. Principles of categorization. In: _____.; LLOYD, B. B (Orgs.). **Cognition and categorization**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1978. p.27-48.

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.